

A luz no fundo do túnel ou dentro da floresta

Na quinta-feira, às duas da tarde, fui ver a exposição de Gilberto Guimarães Bastos, na Galeria Macunaíma, da Funarte. O processo de trabalho do artista continua basicamente o mesmo: produz centenas de miúdos desenhos que, depois, agrupa, em número de nove, sobre uma folha maior de papel. A aproximação desses desenhos é mais formal que temática, quase aleatória. Assim, dispõe o espectador de diferentes possibilidades de leitura, ou direções: horizontal, vertical, diagonal.

A novidade fica por conta de uma atmosfera subitamente política no desenho de um artista que sempre pareceu tão alheio a tudo aquilo que não diz respeito a seu próprio universo gráfico. Assim, o médico que trazia na testa o espelho é substituído, nos desenhos atuais, pelo mineiro ou operário que iluminam com seu fecho de luz a mina ou túnel. E certo que, por vezes, a área iluminada é o próprio espelho, no qual o artista, narcisisticamente, projeta sua própria imagem. No mais das vezes, porém, o que está em foco é o próprio Brasil, na sua geometria verde/amarela. A introdução dessa imagem colorida, juntamente com certas palavras — luz, diafragma, alvo, claro, branco — resulta numa certa ambiguidade de significados. O artista tanto parece aceitar como duvidar da abertura política. As vezes, parece ver, no final do túnel, depois de um longo e estreito percurso, o País iluminar-se de esperanças. Outras vezes, entretanto, parece pedir mais luz, mais espaço, clarezas, quer abrir o diafragma, localizar bem o seu alvo. Num desenho, Guimarães Bastos sugere que não está havendo suficiente jogo de cintura (dos políticos, do povo?), noutro pede que "orem por nós", noutro ainda, esboça "une femme avec drapeau et nature morte".

Naquele momento, às duas da tarde de uma quinta-feira comemorativa do 36º aniversário da explosão da bomba de Hiroxima, o desenho de Guimarães Bastos me pareceu um tanto defasado, em seu protesto ou aplauso, em seu pessimismo ou otimismo.

A noite, entretanto, face à explosão de outra "bomba atômica" (a afirmação não é minha, mas de um deputado) — a notícia do pedido de demissão de Golbery do Couto e Silva — o desenho de Guimarães Bastos ganhou súbito significado e as imagens por ele criadas me vieram imediatamente à memória. O túnel estava novamente escuro, a travessia difícil e o processo de abertura subitamente travancado. Afinal, Golbery é tido e havido como o arquiteto da abertura e, na sexta-feira pela manhã, quando escrevia este comentário, os termos da segunda carta do Ministro-chefe da Casa Civil ao presidente da República



Desenho de Guimarães Bastos, 1981

ainda não haviam sido divulgados. Quando o leitor estiver lendo este artigo, talvez já se saiba muita coisa mais sobre as razões da renúncia quando, então, os desenhos de Guimarães Bastos serão vistos na sua exata medida e significação.

A LUZ DA SELVA

A luz é também o que dá significado maior ao desenho de Hélio Melo, neste momento exposto na Galeria Sérgio Millet, no mesmo edifício da Funarte. Se Guimarães Bastos, carioca, artista urbano e erudito, ilumina o túnel à procura do País que é seu, Hélio Melo, acreano, autodidata, 55 anos, 30 dos quais vividos em seringais, traz dentro de si a luz da floresta, a luz de um "outro País", a Amazônia. Um País que, mesmo com a televisão e os modernos meios de comunicação, nos parece distante no tempo e no espaço.

De seringais a seringalistas, Hélio Melo diz conhecer tudo. No seringal já foi patrão e empregado, sofreu e foi explorado, conhece as técnicas e os processos de fabrico da borracha, conhece os homens e os instrumentos de trabalho, sabe como sobreviver na floresta, conhece todas as manhas dos animais e dos homens que a habitam ou nela trabalham. E tudo isso ele põe no papel — desenhando histórias da selva, que descreve com humor e crítica. Diz que não inventa nada, só descreve o que já viu e viveu.

Se o espectador encontrar, nos quase 70 desenhos expostos, um cavalo ou peixes no galho da árvore, ratos pescando, animais em pranto, fumando ou em assembléia em torno do caixão da Amazônia, não se espante. Tudo é verdade. Se o artista estiver por perto, ele confirma tudo, explicando o significado de cada desenho. No fundo, o que Hélio descreve nos seus desenhos

é a selva que a cobiça dos homens criou, a politicagem, a malandragem de uns, o trabalho duro de outros, o efeito da cachaça, a corrupção administrativa, o desmatamento criminoso etc. E disso que Hélio Melo gosta de falar, é esse o lado do seu desenho que mais lhe interessa, talvez porque é o que o público melhor percebe.

No entanto, o que mais emociona em seus desenhos é a maneira extraordinária como "descreve" a luz da selva, o amanhecer, o entardecer.

Para isso, Hélio cria suas próprias tintas com resinas vegetais e, com elas, vai filtrando a luz entre as árvores, abrindo clareiras na noite, transmitindo uma sensação quase física dessa luz maravilhosa. Uma luz que está entranhada nos seus olhos, no seu coração e que ele passa com a maior naturalidade para o papel. Por isso, não fala dessa luz, ele a põe no papel. E pronto.

BRACET NO MNBA

O centenário de nascimento de Augusto Bracet, pintor acadêmico e professor da Escola Nacional de Belas Artes, será comemorado com uma exposição a ser inaugurada na próxima sexta-feira, no Museu Nacional de Belas Artes. Na ENBA, até 1951, ele foi professor de alguns dos mais conhecidos artistas brasileiros com atuação do Rio de Janeiro.

— Outra exposição não referida em meu roteiro de ontem é a de Azulejos Portugueses dos séculos 17 e 18, organizada por Teresa Frazão, e que será inaugurada terça-feira, na rua São Clemente, 261... Apresentada por Theon Spanudis, Mirian expõe sua pintura *naive* na Galeria Brasileira, em São Paulo. Nascida em Goiás, Mirian residiu muito tempo no Rio de Janeiro.